

Revista de Agricultura

DIRECTORES

Prof. N. Athanassof

Prof. Octavio Domingues

Prof. S. T. Piza Junior

Prof. Carlos T. Mendes

Prof. Ph. W. C. Vasconcellos

Publicação bi-mensal de ensinamento theorico e pratico

Vol. 15

Maio - Junho de 1940

N. 5 - 6

NO'S E A GUERRA

O lavrador brasileiro compartilha, no momento atual, da situação de indecisão e receio, gerada pela guerra no Velho Continente, que apresenta visos de se estender, restringindo ainda mais os mercados de nosso comercio regular. País das sobremêças — (frutas, café, cacau, açúcar, fumo), — como já o declarou o clarividente Chefe da Nação, o Brasil tem naturalmente muito a recear, quando, numa conflagração desta natureza, os povos beligerantes abrem apenas seus portos aos produtos e materias primas da mais estrita necessidade. O bloqueio de milhões de consumidores de produtos nossos obriga-nos ainda a abandonar mercados que constituíam anteriormente freguezia certa. Certamente a situação, se não é bem conhecida, é pelo menos bem sentida por todos nós, que já estamos sofrendo as consequências da grande catástrofe que se desenrola além mar.

No terrêno economico, quem desfruta de maior segurança ainda é, como sempre o tem sido, o fazendeiro que conseguiu organizar bem sua propriedade, em exploração mista de policultura, associando uma produção variada de cereais, materias primas à criação das diversas especies de animais domesticos. Os aventureiros, tão frequentes em nossa terra, que se atiram de corpo e alma a uma cultura exclusiva, a mais lucrativa do momento, são naturalmente os que passam por maior intranquilidade. O Governo não pode, na verdade desamparar essa classe, que muito concorre no volume de nossas exportações, mas é preciso que ela não lhe peça mais do que pode dar: crédito sôbre penhor da produção, enquanto aguardam oportunidade favoravel para colocação de seus produtos.

No nosso comercio exterior, os produtos animais — bovinos e suínos — mantiveram seus preços, porque a procura tem-se tornado maior, especialmente de carnes e couros, etc. Isto

acontece sempre durante as guerras. Foi em 14 que nasceu nossa industria frigorifica de carnes e outras lutas mostraram ser fatores favoraveis nas curvas estatisticas de exportação.

Uma grande possibilidade seria sem dúvida o desenvolvimento de nossa industria de laticínios. Somente a Dinamarca e a Holanda produziram cêrca de metade da produção de manteiga importada por outros países, em quantidade que se orça em centenas de toneladas. Mesmo que a guerra não dure muito, como é de se esperar, as requisições de guerra e outras causas de desorganização não permitirão aqueles e outros países do Baltico, voltarem tão cêdo à situação de pre-guerra. A avicultura, isto é, a exploração de ovos, acha se nas mesmas condições que os laticínios.

Dirá o criador: como poderei aumentar minha produção em pouco tempo, si não posso tão rapidamente aumentar o número de meus animais? Alimentando-os melhor, responderemos.

Todos nós sabemos que nosso gado é mal alimentado, mas o que nem todos sabem é que bem alimentando-os poderemos duplicar nossa produção e que os efeitos da bôa alimentação são imediatos.

Estamos acostumados a alimentar nossos animais com forragens grosseiras. Os alimentos concentrados, de alto valor nutritivo, nós vendiamos para a Suécia, Finlândia, Dinamarca, Holanda, etc., que já não nos podem comprá-los. Apesar da distancia, êles os adquiriam, enquanto nós os achavamos caros. Hoje que os perdemos como freguezes, temos maior abundancia de farelos de oleaginosas (de sementes de algodão, bambassú, amendoim, côco, etc.), farinha de carne, de ossos, a preços módicos, em condições de permitirem seu emprego extensivo pelos nossos criadores, de mistura com o farelo de trigo, fubá, subprodutos do milho e mandioca, que igualmente se encontram a preços razoaveis.

Os animais domésticos vêm pois mais uma vez preencher o seu decantado papel de valorizador dos produtos e subprodutos agricolas.

Naturalmente é difficil modificar os hábitos gerados por uma rotina muito antiga, que aliados à lei do mínimo esforço, têm constituido uma couraça dura de romper pelos técnicos do nosso fomento agrícola. Entretanto, nós, agrônomos, desempenhando nosso papel, precisamos insistir, por todos os meios, na racionalização de nossos meios de produção, auxiliando o Governo na sua grandiosa obra de expansão económica, pois aqui não calha mal o ditado:

“Água mole em pedra dura...”